

**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
ESPECIALIZAÇÃO SABERES E FAZERES NO
ENSINO DE ARTES VISUAIS**

Maria Clara Cylindro Machado

**A TRAJETÓRIA DA CONSTRUÇÃO DE UM CADERNO
SOB O OLHAR DE UMA ARTISTA SURDA**

Rio de Janeiro
2025



Maria Clara Cylindro Machado

**A TRAJETÓRIA DA CONSTRUÇÃO DE UM CADERNO
SOB O OLHAR DE UMA ARTISTA SURDA**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de Memorial de Percurso apresentado ao Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador (a): Ma. Maria Lia Gauterio
Conde Pinto

Rio de Janeiro
2025

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

M149 Machado, Maria Clara Cylindro

A trajetória da construção de um caderno sob o olhar de uma artista surda / Maria Clara Cylindro Machado. – Rio de Janeiro, 2025.

37 f.

Memorial de Percurso apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Maria Lia Gauterio Conde Pinto.

1. Artes visuais - Estudo e ensino. 2. Surdez. 3. Caderno de artista. 4. Artistas com deficiência. 5. Surdos - Meios de comunicação. I. Pinto, Maria Lia Gauterio Conde. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Maria Clara Cylindro Machado

**A TRAJETÓRIA DA CONSTRUÇÃO DE UM CADERNO
SOB O OLHAR DE UMA ARTISTA SURDA**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de Memorial de Percurso apresentado ao Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: 30/08/2025.

Banca Examinadora:

Ms. Maria Lia Gauterio Conde Pinto
Colégio Pedro II

Dr. Edvandro Luise Sombrio de Souza
Colégio Pedro II

Prof. Bianca Jurema Ferreira de Brito
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2025

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente, autor da minha vida e a quem, sem sua força, com a fé na sua existência, não conseguiria vencer as batalhas da minha vida.

A minha orientadora Maria Lia Gauterio, pela dedicação, pelos ensinamentos e pela amizade durante todo o processo.

Aos professores do curso de Especialização que me acolheram com carinho, atenção e acreditaram em mim; pelo olhar atento e pelas revisões cuidadosas, conselhos, paciência e ensinamentos a mim oferecido, vocês colaboraram significativamente para meu desenvolvimento pessoal e profissional.

A minha mãe, a quem tenho enorme gratidão por ter conseguido chegar até aqui. Com ela aprendi a lutar por meus sonhos e objetivos, mesmo encontrando no caminho inúmeras dificuldades

A meu pai, cuja sabedoria, paciência e carinho inspiraram-me a adquirir conhecimentos.

A minha tia Márcia, que me acompanhou por muitos anos da minha vida, me ensinou sobre a vida, minha segunda mãe.

Aos meus queridos intérpretes de Libras: Airam Aimé Leite, Alexandre Ferreira de Souza Junior, Evandro dos Santos Silva, Fellipe Pinto de Assis, Karine Rocha e Renata Marques da Silva por emprestarem suas mãos, traduzindo em libras o conhecimento difundido no curso.

RESUMO

MACHADO, Maria Clara Cylindro. **A Trajetória da Construção de um Caderno sob o Olhar de uma Artista Surda**. 2025. Memorial de Percurso (Especialização Saberes e Fazerem no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2025.

O estudo apresenta a busca pelas etapas da construção de um caderno de artista que possibilitaram mostrar a experiência vivenciada no curso de Especialização Saberes e Fazerem no Ensino de Artes Visuais, do Colégio Pedro II. Através do caderno expõe-se a confecção do percurso e o desenho do aprendizado ao longo do curso, que foram desenvolvidos de forma individual e coletiva com os demais estudantes. Com este caderno são relacionados diferentes tipos de artes criada por artistas brasileiros em diferentes contextos da história nacional e destaque a diversidade e a criatividade de como eles retrataram a sua arte. Neste trabalho também se sublinha a contribuição de artistas do universo surdo e o modo como eles retratam a arte através da perspectiva do coletivo surdo. Por fim, insere-se a produção da autora como artista surda e reitera-se a importância da arte na vida do surdo, como forma de enxergar o mundo, sua cultura e a possibilidade de escrever através de sua própria história.

Palavras-chave: artes; surdez; comunidade surda; ensino de artes visuais; caderno de artista.

ABSTRACT

MACHADO, Maria Clara Cylindro. **A Trajetória da Construção de um Caderno sob o Olhar de uma Artista Surda**. 2025. Memorial de Percurso (Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2025.

This study presents the steps involved in creating an artist's notebook, which allowed to share an experience in the Specialization Course "Knowledge and Practice in Visual Arts Teaching" at Colégio Pedro II. The notebook presents the development of the coursework and the learning process throughout the course, which were developed individually and collectively with other students. This notebook relates different types of art created by Brazilian artists in different contexts of national history, highlighting the diversity and creativity of how they portrayed their art. This work also highlights the contributions of artists from the deaf world and how they portray art from the perspective of the deaf collective. Finally, the author's work as a deaf artist is included and the importance of art in the lives of deaf people is reiterated, as a way of seeing the world, their culture, and the possibility of writing through their own stories.

Keywords: arts; deafness; deaf community; visual arts education; artist's notebook.

Sumário

1 MEMORIAL DE PERCURSO.....	9
1.1 INTRODUÇÃO.....	9
2. PERCURSOS E CRIAÇÕES SOBRE O CADERNO DE ARTISTA.....	9
2.1. Circuitos.....	9
2.1.2 – Largo de São Francisco da Prainha e Museu de Arte do Rio (MAR).....	11
2.1.3 – Museu Janete Costa e Museu de Arte Contemporânea (MAC).....	12
2.1.4 – Centro de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB).....	13
2.2 Atividades e proposições.....	14
2.2.1 - Construção coletiva de A cobra indígena do tempo.....	14
2.2.2 - Criações na disciplina Sensibilidades Críticas – dispositivos na ArtEducação I.....	15
2.2.3 – Poéticas Contemporâneas e Ensino da Arte.....	16
2.2.4 – Atividades artísticas e performáticas.....	17
2.2.5 – Trabalho final em grupo, da disciplina Sensibilidades Críticas – dispositivos na ArtEducação II.....	18
3 - ARTE SURDA.....	20
3.1 Conhecendo a Surdez.....	20
3.2 Arte Surda.....	20
3.2.1 Rafael Caldeira dos Santos, (ODRUS).....	22
3.2.2. Lucas Ramon, Tikinho.....	23
3.3 – As artistas surdas pelo mundo.....	25
3.3.1 Fernanda de Araújo Machado.....	25
3.3.2 Nancy Rourke.....	26
3.3.3 Pamela Witcher.....	27
3.3.4 Maria Clara Machado.....	28
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
5. REFERÊNCIAS.....	31
6. APÊNDICE: MEMORIAL DESCRITIVO – Minha vida e o caminho de arte.....	33

1 MEMORIAL DE PERCURSO

1.1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão da Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais tem o objetivo de mostrar a minha trajetória através do Curso. Assim, construí o caderno de artista e através dele apresentarei as minhas experiências e o aprendizado desenvolvido ao longo do processo.

Segundo Sasaki (2023), o caderno do artista não é projetado, ele funciona como um repositório de várias possibilidades ao longo de um determinado tempo, ele é visto, tanto como um objeto que se constrói no sentido da materialidade – quando coletamos papéis e o encadernamos manualmente – quanto o seu processo de preenchimento que se dá ao longo do tempo.

O meu caderno de artista me oportunizou a realização de criações artísticas a partir das experiências vividas na especialização. Neste sentido, a construção de estruturas visuais que traduziram o meu aprendizado se deu através da ressignificação de diferentes imagens por mim captadas.

2. PERCURSOS E CRIAÇÕES SOBRE O CADERNO DE ARTISTA

2.1. Circuitos

2.1.1 – Museu do Artesanato e Centro Cultural Sesc Quitandinha

Ao final do mês de agosto de 2024, visitei junto com os colegas de turma da Especialização, os professores da disciplina e os intérpretes de Libras o primeiro circuito da Casa do Museu de Artesanato Cocco Barçante, localizado no bairro Coronel Veiga, em Petrópolis. Lá, fomos guiados pelas exposições através dos olhos dos artesãos Cocco Barçante e Glória Correia.

Os artesãos relataram que a casa reunia obras incríveis de artesanato e conta com uma maravilhosa coleção, que é possível ser visitada ao longo de suas salas, corredores, subidas e lindos caminhos, nos quais as histórias das obras foram narradas pelos próprios artesãos que as fizeram.

No quintal da casa, a artista têxtil Glória Correia descreveu um resumo sobre suas experiências artísticas e têxteis enquanto fazia um turbante no cabelo de uma mulher sentada

e dava explicação de como fazer turbante. O mediador Cocco Barçante, sorteou partir da data de aniversário dos participantes do nosso grupo, àquele que receberia de presente a feitura do turbante de tricot e um outro participante que ganharia através do sorteio numérico o presente de um livro.

Eu nunca havia entrado em uma casa tão extraordinária como o museu de artesanato. A turma fez várias visitas em todas as áreas e tirou fotos. A artista Glória Correia me contou com as suas palavras sobre a educação de surdos e me senti muito contente por conhecer mais uma artista têxtil incrível. Durante esse momento, tive a ideia de dar um presente a ela criando um sinal próprio.

Na parte da tarde fomos para o Palácio Quitandinha visitar a exposição “Dos Brasis – Arte e pensamento negro”. A mostra e o planejamento das ações educativas proporcionam uma experiência mais acessível ao público viabilizando um maior contato com os temas abordados. Cada pessoa da turma, de acordo com seu ritmo, pôde caminhar pela exposição orientada pelas suas curiosidades e pôde conhecer uma série de trabalhos artísticos sobre arte negra e afro-brasileira. A partir dessa visita, os professores solicitaram a realização de um trabalho de uma obra de arte para contextualizar o tema. Assim passei a observar ao longo da visita as várias obras de arte da exposição de arte negra no Brasil, nas quais os negros aparecem representados em suas formações profissionais e como artistas das obras mais importantes.



Autorretrato, 2016. Éder Oliveira.

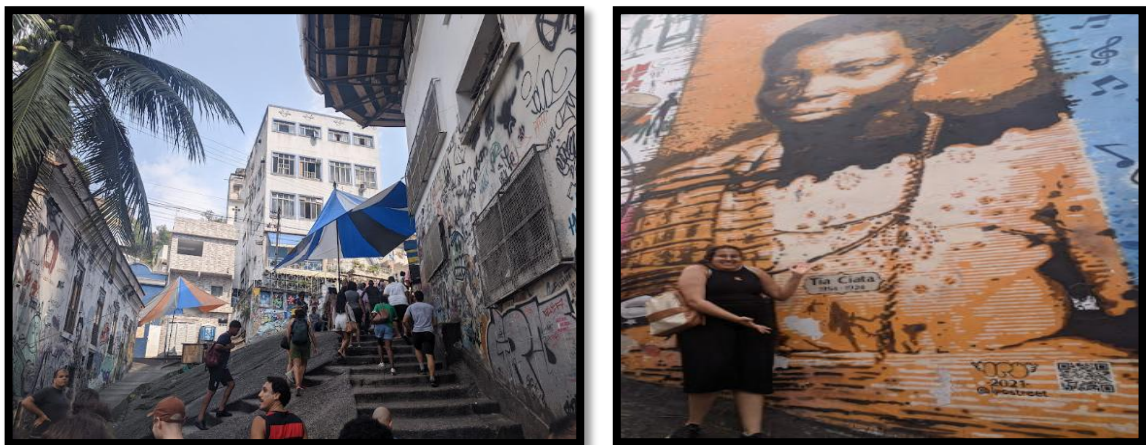
Eu achei bem interessante a obra do artista paraense Éder Oliveira e escolhi para comentar esta pintura que traz a identidade de um garoto negro e a tinta vermelha. Seu rosto foi segurado pela mão de uma pessoa branca, um policial retratado a partir do emblema na sua roupa. A cor do pintor e do fundo do quadro, uma tinta vermelha, que atravessa a cabeça de um garoto pode significar a violência contra a população negra? Ou o silenciamento desse grupo?

2.1.2 – Largo de São Francisco da Prainha e Museu de Arte do Rio (MAR)

Em setembro de 2024, fomos visitar o circuito do Largo de São Francisco da Prainha também conhecido por fazer parte do Circuito Herança Africana (realizado pelo Instituto Pretos Novos – IPN). Este é um símbolo histórico da cidade do Rio de Janeiro, que marca um dos locais da chegada das pessoas sequestradas de África e escravizadas na cidade. Nessa região existem eventos culturais como rodas de samba, visitas, feiras, que retratam a influência dos negros na nossa cidade.

O ponto de encontro da turma foi no Largo da Prainha diante da estátua de Mercedes Baptista, a primeira artista/bailarina negra, ícone da dança afro no Brasil. A turma acompanhou o guia do trajeto turístico que narrou a história da escravidão, da Pedra do Sal e dos morros. Caminhamos pelo circuito seguindo as pegadas da trilha histórica. Durante as visitas, seguimos as distintas histórias do Morro da Conceição, do Jardim Suspenso do Valongo e da Pequena África.

Ao longo desse trajeto encontrei um muro de grafite feito pelo meu tio, artista de *street art*, Ipojucam de Jesus, cujo desenho é uma homenagem à Tia Ciata, figura central para o desenvolvimento do samba carioca. Eu fiquei muito feliz em ver a marca da assinatura do meu tio e tirei a foto para guardar como lembrança especial do tour.



Acervo da autora.

No período da tarde, eu e os intérpretes de Libras chegamos juntos na entrada da bilheteria do Museu de Arte do Rio (MAR), então, seguimos com a turma e com os professores que explicaram sobre essa área do museu. Fomos subindo os andares e assistindo as várias exposições. A exposição inaugurada e nomeada de “FUNK: um grito de ousadia e liberdade” me chamou a atenção, o tema apresentava a articulação da história do funk no contexto

urbano – gostei muito de conhecer temas interessantes e brilhantes sobre o contexto histórico do Funk!

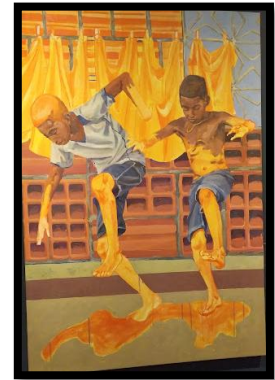
Ao longo da visita ao museu, tivemos também uma roda de conversa para comentar e fazer as críticas sobre as mostras e, além disso, todos escolheram fotos das obras de arte que mais chamaram atenção e comentaram sobre elas.



Triplíce interior, 2022 Leid Ane.



Alma Vibrante do Rio, 2024. Zayre Kaus.



Tá OK, 2023. Bruno Lyfe.

2.1.3 – Museu Janete Costa e Museu de Arte Contemporânea (MAC)

Ainda em setembro de 2024, fomos visitar no município de Niterói, no bairro do Ingá, próximo da minha casa, em Icaraí, o Museu Janete Costa de Arte Popular. Os educadores do museu explicaram sobre a vida e a história de Janete Costa, arquiteta, designer e curadora brasileira que compartilhou experiências artísticas, com o destaque para o uso de artefatos os mais diversos. Ao longo da visita, apreciamos as esculturas extraordinárias expostas, obras com materiais reciclados e diversos quadros. Tirei várias fotos da área da exposição e ao término da visita fizemos uma roda de conversa para discutir uma proposta do livro *As fabulosas fábulas de Iauaretê*, do autor Kaká Werá Jecupé: essa roda teve a mediação dos intérpretes de Libras.

À tarde, as atividades foram no Museu de Arte Contemporânea, onde encontrei com o pessoal da turma para visitar a exposição “Etnogênese: o que é e o que pode ser”. A exposição discutia o conceito de etnogênese relacionado às periferias. Etnogênese significa, como pode se observar em contextos diferentes, a formação de grupos sociais que cultivam uma espécie de identidade coletiva. Ainda no MAC, também discutimos sobre uma mostra chamada “Da ponte para cá antes de tudo é uma escola”, que fica atrás da porta da entrada do museu. Os mediadores do MAC fizeram um resumo da história do arquiteto Oscar Niemeyer, que criou o museu, e das exposições que iríamos assistir seguindo um sentido circular, de acordo com a estrutura do museu.



Emí, o sopro da vida e Face 02 Zê do Caroço, 2024. Marcelino Melo.

2.1.4 – Centro de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB)

Em 9 de novembro de 2024, no período da tarde, fomos visitar o Museu do Centro de Referência do Artesanato Brasileiro, na Praça Tiradentes. Este é um espaço no qual existe aquilo que há de mais significativo e expressivo na produção artesanal brasileira. O professor Alexandre Guimarães junto com o convidado, professor e pesquisador, Ricardo Lima explicaram a exposição do centenário de curadoria de Izabel Mendes da Cunha.

Os educadores esclareceram o percurso da história da curadora, Izabel, que nasceu no interior de Minas Gerais, e é considerada uma herdeira de saber da artesã da quarta geração de bonequeiros, dedicou-se diretamente à arte do barro. Izabel foi inspirada pelo compartilhamento de experiências e conhecimentos na utilização de materiais e peças sobre a arte da cerâmica. Observamos as várias esculturas mais extraordinárias de um legado de uma grande mestra artesã. Posteriormente, realizamos desenhos em papéis kraft inspirados pela marca da artista Dona Izabel.



Acervo da autora.

O circuito nos museus no Estado do Rio de Janeiro foi uma experiência junto com a minha turma que eu adorei! Tive os melhores momentos do circuito para visitar as distintas

obras fantásticas nos museus e ateliês e pude reaprender muito com as histórias dos artistas e as críticas das atividades, as rodas de conversa estimularam a compreender e ter novas ideias, estabelecer a relação pessoal com outros bairros e as cidades do Rio de Janeiro.

Em diversos momentos, refleti sobre a necessidade da ampliação do intercâmbio entre educadores surdos e ouvintes e destaco a importância de falar de modo natural em Libras para narrar as exposições e as experiências nos museus e nas áreas artísticas para formar o laço da inclusão e da acessibilidade em todo o estado.

2.2 Atividades e proposições

No dia 10 de agosto, tive o primeiro dia de aula do Curso de Pós de Graduação Saberes e Fazeres de Ensino em Artes Visuais. O professor/coordenador Edvandro Sombrio que apresentou todos professores do curso os quais contaram sobre as suas disciplinas.

2.2.1 - Construção coletiva de A cobra indígena do tempo

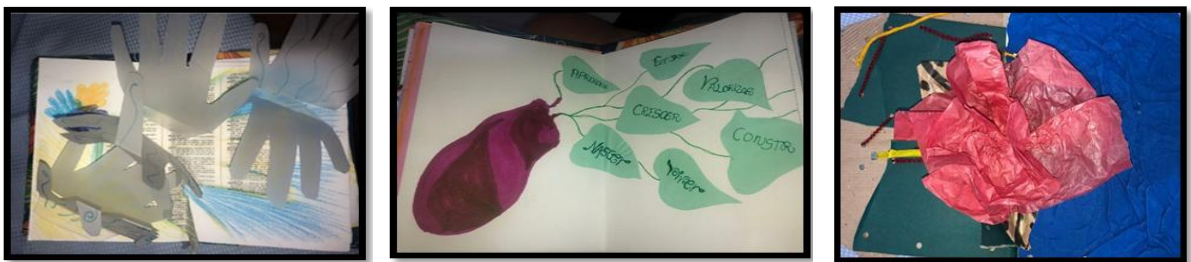


Acervo da autora.

Eu e os colegas da turma apresentamos o resumo das estórias das nossas vidas e nossas experiências artísticas ao longo tempo. Depois construímos o primeiro desenho coletivo da cobra: nas fotos que vemos abaixo, o esboço de marcas indígenas coloridas e confusas, feitos por mim e pela turma da sala inteira. Então, escolhi as partes de rabisco das marcas cortantes para colar nessas três páginas folheadas do meu caderno. Este meu trabalho no caderno objetivou a comparação e junção de esboços distintos com uma inspiração do Cubismo – movimento artístico moderno – para a realização do caminho de uma cobra indígena.



2.2.2 - Criações na disciplina Sensibilidades Críticas – dispositivos na ArtEducação I



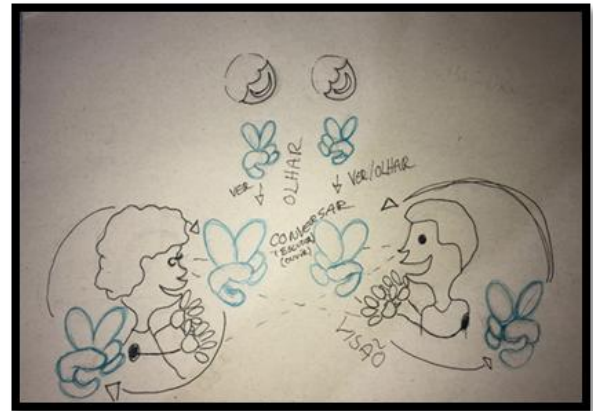
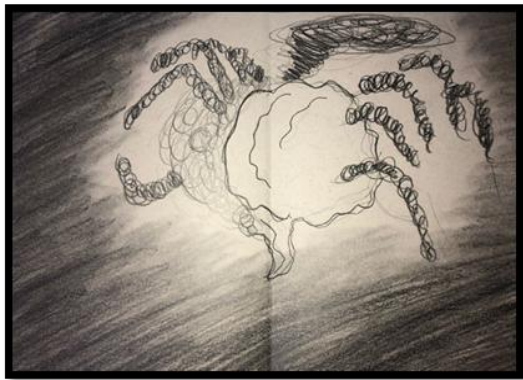
Acervo da autora.

Tive os primeiros encontros da disciplina com as professoras Maria Lia Gauterio e Raquel Teixeira, durante os quais foram esclarecidas as formas de avaliações e apresentados textos complementares e críticos. Eu e as colegas da turma sentamos e abrimos um tecido de algodão, desdobrando-o, escolhemos materiais de costura pelas nossas preferências na mesa toda, aterrando os nossos corpos sensíveis para conectar, relaxar e pensar. Foram muitas as oportunidades de realizar atividades a partir das nossas inspirações e apresentei as minhas criações para compor as páginas do caderno de artista.

Houve um processo de um dicionário: a professora Raquel nos propôs escolher um termo ou verbo de uma página sorteada. Escolhi o verbo “qualificar” para trançar as linhas, enfrentei dificuldades para explicar todos significados do verbete, mas transformei isso em um processo criativo: fiz colagens e recortes para compor um desenho de mãos. Colei papéis vegetais com formas de mãos na área de composição para fazer referência à comunidade surda.

Fiz outro desenho, um de batata doce, sobre o florescer do convívio contendo os termos propostos pela turma para demonstrar a importância da vida. E a última imagem que compartilhei acima, é sobre utilizar os materiais artísticos para contextualizar os estudos sensíveis, para manifestar o ato de compreender e esboçar a minha forma criativa.

2.2.3 – Poéticas Contemporâneas e Ensino da Arte



Acervo da autora.

Nos encontros das aulas de ensino à distância da disciplina *Poéticas Contemporâneas e Ensino da Arte*, com a professora Janaína Laport, tive duas coisas importantíssimas para compreender nesses trabalhos de apresentação (fotos). Como eu demonstrei na minha primeira imagem, criei um esboço mais manchado e grosso de cérebro consciente/inconsciente com as duas mãos alinhadas em espirais que sugere uma luta de opostos ou uma confusão mental ao lado da mente saudável. O fundo de papel mais escuro é para mostrar as mãos tocando o movimento do cérebro (in)consciente: isso traz a identidade de movimento das mãos da comunidade surda, como nós surdos encaramos as várias barreiras em diferentes áreas da vida, principalmente a relação da comunicação e a inclusão social.

Na segunda imagem, trago os olhos para enxergar o despertar de atenção entre uma mulher de frente para um homem espalhando a conversa da língua brasileira de sinais (Libras). Mostro aí, um sinal específico de um giro círculo em mãos conjuntadas que remete à configuração de mão da letra “V” para significar os verbos de “ver”, “olhar”, “observar” e um termo definido de “visão”. O espaço visual é o modo pelo qual nós, pessoas surdas, observamos e comunicamos as nossas falas, ou seja, através dos gestos.

2.2.4 – Atividades artísticas e performáticas



Acervo da autora.

Em fevereiro, no retorno do recesso, na disciplina *Tópicos Especiais em Artes Visuais e Educação II*, com a Professora Analu Steffen, foi dada uma aula sobre o ritmo da expressão corporal e performática. Durante o encontro, dançamos carimbó com as saias rodadas de flores coloridas: a gente dançava e passava as saias para os demais participantes da turma. Além disso, após o término da dança, a professora foi entregando um grande círculo de papel; eu junto com a turma construí coletivamente pinturas criativas e colagens de flores. Um colega fez um desenho de mulher dançarina perfeita e eu tive uma sobra de um desenho do fundo amarelo com flor para guardar no meu caderno de artista – adorei essas atividades divertidas!

Ainda durante a disciplina, como trabalho de avaliação, eu e minhas colegas, Nicole Alvares e Denise Luiz, produzimos um livro com uma história que vem trazendo os caminhos do mundo de Maria Clara, contando um pouco da minha estória. Me surpreendi, foi emocionante: inigualável! Nós produzimos esse trabalho de pintura, texto e ilustramos a capa do livro coletivamente.



Acervo da autora.

2.2.5 – Trabalho final em grupo, da disciplina Sensibilidades Críticas – dispositivos na ArtEducação II

No último dia de sábado do Curso, 7 de junho, eu e os meus colegas fizemos trabalhos em grupos com temas teóricos desenvolvidos presencialmente nos ateliês. Meu grupo, formado com os colegas Ismael Silva, Wesley Ferreira e Ana Sara Zacarias, apresentou um trabalho intitulado “Convite ao despropósito” inspirado no poema “O menino que carregava água na peneira”, do grande poeta Manoel de Barros.

Iniciamos o percurso no horto botânico do Colégio com a leitura do poema: a turma, de forma coletiva, pode viver uma experiência prática a partir de pigmentos naturais de cores quentes utilizando conta gotas e peneiras com gelo (enxugar os gelos) sobre tecido colocado no chão.

Eu e Ana Sara puxamos e levamos o tecido molhado e as cores foram espalhadas na escada até o segundo platô. Ali, todos encontramos bexigas de água para interagir de modo lúdico, refletir sobre o peso, o volume e a fragilidade da água contida nelas. No último e terceiro andar, caminhamos novamente pela subida até um lago com o tecido em mãos, e cada um da turma fez uma dobradura de barquinho de papel vegetal para dividir seu desejo (escrito nos barquinhos) com os demais. Neste momento, o coletivo colocou os barquinhos no lago para navegar. Eu dobrei o barquinho que estava amassado e incompleto com a inscrição “alma das águas”. Quando o depusitei na água, ele afundou profundamente. Tentei amarrá-lo, mas ele continuava a afundar, parecendo o *Titanic* enquanto todos os outros barquinhos estavam navegando. Mantive-me calma e sorri com leveza. Todos nós nos divertimos bastante nesse momento de brincadeira poética e criativa. Depois descemos o

percurso realizado ouvindo a música “Procissão” de Gilberto Gil e terminarmos a nossa apresentação do trabalho.



Acervo da autora.

Ao final da nossa apresentação, voltamos à sala de aula e as professoras pediram que retomássemos os trabalhos com as linhas têxteis, desenhos criativos e os pontos de referência registrados nos estandartes de tecido para finalizarmos nosso trabalho. Por fim, acompanhei a última apresentação de três colegas, me senti tranquila e acolhida. No encerramento, cada grupo pegou um estandarte, no qual estavam registradas palavras sensíveis e práticas. E, em conjunto, tiramos uma foto como despedida dessa experiência tão significativa.

3 - ARTE SURDA.

3.1 Conhecendo a Surdez

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) existem diversos graus de surdez – ela pode ser leve, moderada, moderadamente grave, severa ou profunda. Pessoas com deficiência auditiva são aquelas com perda auditiva que varia de leve a grave. Pessoas surdas geralmente apresentam perda auditiva profunda, o que implica em audição muito baixa ou nenhuma. Ainda segundo dados da OMS, até 2050, haverá pelo menos 2,5 bilhões de pessoas com algum grau de perda auditiva em todo o globo (OMS, 2025).

No Brasil, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), mais de 10 milhões de pessoas têm algum problema relacionado à surdez, ou seja, 5% da população brasileira é surda. Destes, 2,7 milhões não ouvem nada e outros muitos têm perdas auditivas devido ao avanço da idade (USP, 2023). Ainda segundo os dados do IBGE sobre a inclusão social dos surdos, destaca-se que estes têm dificuldades para realizar suas atividades diárias. Isso resulta em falta de oportunidade no entretenimento, no mercado de trabalho e no sistema educacional para a comunidade surda. A diminuição de inclusão também é perceptível na falta de estímulo na profissionalização dos surdos.

Grande parte da população surda tem dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, a maioria se encontra na rede privada ou são autônomos. Também não conseguem chegar às universidades, e alguns não têm sequer escolaridade; muitos decidem viver apenas com um auxílio social. Esse fato mostra a necessidade da inclusão dos surdos em diferentes setores da sociedade, possibilitando sua autonomia financeira e social.

A comunidade surda leva em consideração a sua cultura, sua história, através das suas lutas diárias, para serem aceitos na sociedade. Esta luta se dá na educação, na inclusão dessas pessoas através da ampliação do ensino da língua de sinais nessas instituições, aumentando assim a relação dos surdos e ouvintes e diminuindo as barreiras na sociedade.

3.2 Arte Surda

A arte retrata efetivamente aspectos sociais e culturais, pois traz representações vivenciadas nos dois contextos. As artes surdas nos seus diferentes espaços, literatura, teatro, artes plásticas, música, cinema, etc. trazem novas formas de olhar, pensar, sentir e expressar a partir da representação de suas próprias experiências nesses meios. Macedo (2021), traz no seu artigo a definição de Arte Surda por Nakagawa, como sendo a arte que através de diferentes suportes, resgata, evidencia de forma direta ou indireta traços das experiências surdas.

Segundo Eiji, (2011), o conceito de Arte Surda conhecido também como *De'VIA – Deaf View/Image Art*, sobretudo no universo das artes plásticas, em alguns países de língua inglesa trazem manifestações da identidade arte surda produzida tanto por surdos como ouvintes, assim a definição é dada a partir dos elementos que compõem a obra e não pela condição física/sensorial de seu autor.

No contexto das artes, as pessoas surdas podem contribuir por meio das mais diferentes produções artísticas, de forma que se destaquem na sociedade e também divulguem a realidade da cultura surda. De acordo com Lucila dos Santos Vales, autora de um pequeno dicionário regional de Arte em Libras, (2008, p. 19), “a visualidade é o meio que os surdos dispõem para aprender e se relacionar com as coisas do mundo, visto que o meio de aquisição de informação obrigatoriamente passa pelo canal visual”.

No Brasil, quase não há trabalhos acadêmicos e científicos que representem pesquisas acerca da constituição histórica da arte surda num território brasileiro. Contudo alguns pesquisadores, como Karin Strobel, pedagoga e pesquisadora surda brasileira, têm feito considerações positivas à arte surda, destacando as suas criatividade e suas manifestações artísticas, suas histórias e sua cultura, assim como os artefatos culturais, como as línguas de sinais e as experiências visuais. Outro aspecto é que também a arte surda vem se tornando instrumento de denúncia contra grupos de ouvintes.

Daniel Neto, Luciana de Jesus e Antenor Gomes, pesquisadores em Educação, em alguns estudos, falam sobre uma arte surda que retrata situações vivenciadas por este grupo, impostas pela família, pela sociedade e pela medicina:

[...] a arte surda tem representado a polaridade existente nas línguas de sinais e nas línguas orais, as lutas do povo surdo contra as práticas médico terapêuticas de protetização auditiva e as diversas situações de preconceito e de discriminação sofridos ao longo de sua história. (NETO; JESUS; GOMES, 2017).

Portanto, é de grande importância que os deficientes auditivos sejam incluídos em todas as situações da vida cotidiana, com respeito às diferenças, direito à igualdade e representações em todas as formas artísticas.

Nesse sentido, compartilharei um pouco do trabalho de alguns artistas surdos, que vêm se destacando com a sua produção no Brasil e no mundo, pensando e cultivando uma importante face da cultura visual.

3.2.1 Rafael Caldeira dos Santos, (ODRUS)

O talentoso grafiteiro surdo brasileiro Rafael Caldeira dos Santos, usa o nome artístico ODRUS, que é a palavra surdo ao contrário. Ele tem a surdez bilateral ¹profunda, foi usuário de Libras e um pouco oralizado², apresentou dificuldades escolares e, então, deixou a escola, começando a pintar muros. Rafael despertou sua paixão por grafite, tornou-se um autodidata começando assim a produzir suas imagens. Além de ser artista, também ensina grafite a adultos e às crianças. O sonho de Rafael Caldeira é trabalhar somente com arte e grafite, conseguir fazer uma marca própria de roupas estilizadas com os seus desenhos e divulgar a sua arte para o mundo, além de continuar ensinando grafite para crianças.

A surdez permite a percepção do mundo de forma visual e de forma artística, algo que pode contribuir para a arte surda, mas ainda há muitas barreiras e dificuldades. Rafael Caldeira dos Santos é uma referência entre grafiteiros surdos, retratando situações da vida e dos surdos, é um incentivador desta arte e acredita que o grafite pode ser um instrumento de inclusão tanto de surdos quanto de jovens, evitando que estes sejam levados para o mundo do crime.



Fonte: <https://cronicasdasurdez.com/odrus-grafiteiro-surdo>

¹ Surdez bilateral é a perda de audição que afeta ambos os ouvidos,

² Oralizado: o termo destacado no texto refere-se a pessoas surdas que aprenderam a se comunicar através da língua oral

3.2.2. Lucas Ramon, Tikinho





Fonte: <https://culturasurda.net/2016/03/28/tikininho-lucas-ramon/>.

Lucas Ramon, ilustrador surdo mineiro, exerce a profissão de cartunista. Lucas passou a infância em Florestal, cidade onde começou a fazer os seus primeiros desenhos de dinossauros e do seu herói favorito, o Homem Aranha. Ao longo dos anos, ele se profissionalizou em desenho, através de um curso em Belo Horizonte, onde conheceu o mundo das histórias em quadrinho. Essa paixão ainda o acompanhou no curso de Design Gráfico no Centro Universitário UNA. Os seus livros "Três Patetas Surdos" e "Surdos em Vitória" foram lançados em 2016. Fez também diversas exposições.

Lucas Ramon é um ilustrador surdo que vem trazendo através das suas ideias, personagens surdos nas suas histórias de quadrinhos. É um cartunista e influenciador da arte surda, através das revistas, livros e dos desenhos animados, contribui para a disseminação do universo dos surdos. Ele estimula através dos seus conhecimentos essa possibilidade de arte para a população surda e ao mesmo tempo apresenta a arte surda na sociedade.

3.3 – As artistas surdas pelo mundo

3.3.1 Fernanda de Araújo Machado

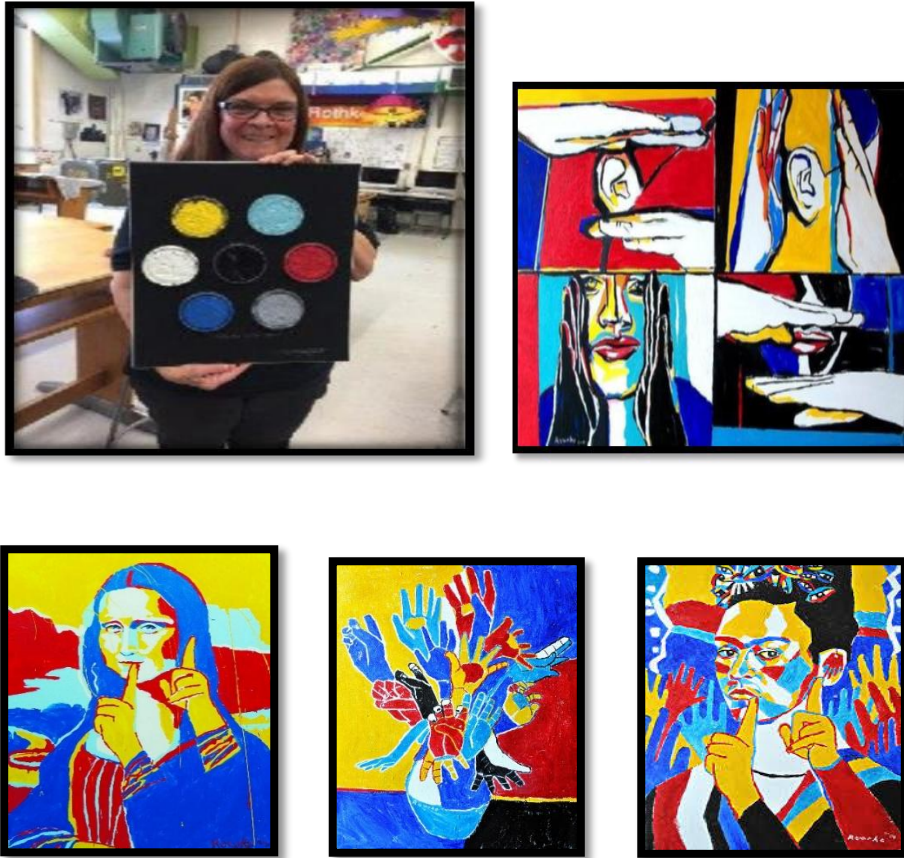


Fonte: <https://culturasurda.net/2011/12/12/fernanda-machado>.

Fernanda de Araújo Machado, a primeira mulher surda que concluiu um curso na Escola de Belas Artes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente, leciona como professora no curso de Graduação de Libras, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Além de professora e artista plástica, Fernanda também é atriz e poetisa. Fernanda busca descobrimentos das suas criatividade artística nas suas obras de arte através da representação do contexto histórico da educação de surdos no Brasil. Nas suas primeiras obras a artista retrataram Huet e sua história como fundador do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), sinalizando um sinal próprio dele.

Fernanda destaca que os surdos nas escolas conhecem a arte desenvolvida por ouvintes e não sabem o que isso significa para a formação da arte dos surdos, ainda frisa que a arte também pode ser usada para representar o mundo deles. É importante que a maioria saiba valorizar a arte. Ela destaca que há milhões de artistas ouvintes que são famosos, e também os grandes pintores e artistas surdos existiram, mas não são muito conhecidos, foram esquecidos no tempo. Fernanda Machado pesquisa a cultura surda e tem como um dos seus objetivos divulgar a arte e fazer com que os surdos entendam o sentido de estudar arte, fortalecendo neles um novo sentimento, uma nova visão sobre sua cultura, uma arte nova.

3.3.2 Nancy Rourke

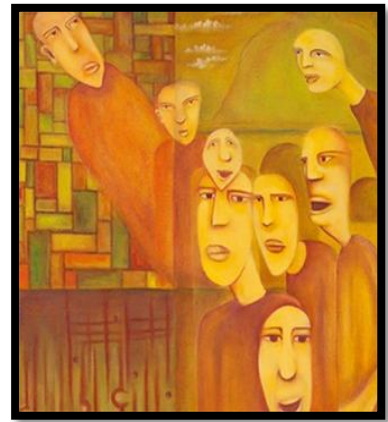
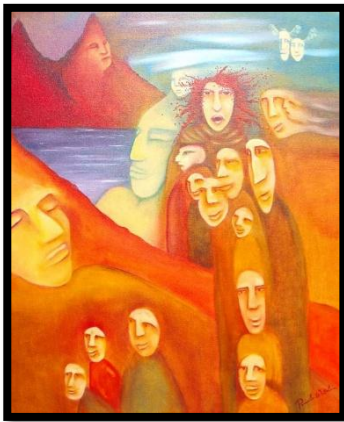


Fonte: <https://culturasurda.net/2011/12/10/nancy-rourke/>.

A artista surda estadunidense nasceu em São Diego, na Califórnia, em uma família ouvinte, e aos seus seis anos foi a descoberta da surdez profunda, enquanto os médicos contavam que a pequena possivelmente tinha problemas de fala e de aprendizagem. Anos depois, estudou Design Gráfico e Pintura no Instituto Técnico Nacional para Surdos, em Rochester, Nova Iorque, onde também se diplomou como mestra. Nos anos 80, a artista expôs pela primeira vez as suas obras. Além disso, Nancy trabalhou como designer gráfica em grandes e prestigiadas empresas.

Em 2010, a artista Nancy se envolveu com as artes surdas, descobriu sua paixão e passou a dedicar seu tempo integralmente às artes visuais, sendo influenciada por Henri Matisse, André Derain e outros pintores fauvistas. O Fauvismo é um movimento artístico moderno conhecido pelo uso das cores fortes e puras. Suas obras destacam questões importantes como a das línguas de sinais e a comunicação bilíngue, a luta contra o ouvintismo, o cotidiano surdo e a transformação da sociedade através dos surdos.

3.3.3 Pamela Witcher



Fonte: <https://deaf-art.org/profiles/pamela-witcher/>.

Pamela Witcher é uma artista multimídia Canadense. Nasceu numa família de surdos na cidade de Montreal. Suas obras retratam a sua experiência como surda, trabalhando por meio de performances com línguas ASL (Língua Americana de Sinais) e LSQ (Língua de Sinais Quebequense) e de pinturas. Intérprete, tradutora, mediadora cultural, curadora de museus e artista multidisciplinar, Pamela considera necessário sobrepor antigas e novas descobertas que têm o poder de mudar visões e ideias. Quando as comunidades surdas criam informação por meio da arte e da documentação, nossa existência se torna concreta, conhecida e valorizada.

3.3.4 Maria Clara Machado



Acervo da autora.

Eu nasci mulher surda, devido a Síndrome de Wildervanck. Bem da verdade, eu nasci surda, mas me considero uma mulher normal e não me identifico com o termo “mulher deficiente ou mulher anormal”. Em 2018, ingressei no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Como artista da comunidade surda, destaco aqui algumas obras que venho fazendo ao longo da minha curta trajetória. Venho apresentando as minhas pinturas: a minha primeira imagem de arte urbana em homenagem ao humorista Paulo Gustavo. Tive a oportunidade de realizar a arte juntamente com meu tio grafiteiro, na Praia de Icaraí. Compartilho também duas pinturas em técnica de aquarela: uma de um projeto sobre o meio ambiente e outra sobre o encontro da comunidade surda, no Campo de São Bento, em Niterói, cidade onde nasci e resido.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do meu Caderno do Artista me possibilitou mostrar a minha experiência vivenciada no curso de Especialização. Através dele apresento a construção do meu aprendizado ao longo do curso, o qual foi construído de forma individual e coletiva com os demais alunos. Com este caderno apresento diferentes tipos de artes, criada por artistas brasileiros em diferentes contextos da história nacional e destaco a diversidade e a criatividade de como eles retrataram a sua arte.

Neste trabalho também trago a contribuição de artistas do universo surdo e como eles retratam a arte através da perspectiva do coletivo surdo. Nesse contexto, trago ainda a minha contribuição como artista surda e reitero a importância da arte na vida do surdo como forma de enxergar o mundo, sua cultura e possibilidade de escrever através dela sua própria história.

Assim, quero poder ensinar e divulgar a arte surda para incluir surdos e ouvintes nas escolas através dos meus próprios trabalhos artísticos e acadêmicos e, com isso, considero que estarei disseminando o universo das artes para o meu coletivo e para a sociedade.

A arte na minha vida vem abrindo caminho para o meu crescimento como pessoa e como profissional: através dela posso mostrar para as pessoas quem sou e como vejo o mundo. Além disso, procuro levar para a comunidade surda a valorização das artes nas nossas vidas.

No final de agosto concluí esse percurso acadêmico com a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, intitulado “Trajetória da construção de um caderno sob o olhar de uma artista surda”, acompanhado da produção de uma nova obra pictórica apresentada no momento da banca. Em minha pintura mapa mental do caderno de uma artista surda pude refletir sobre diferentes manifestações artísticas vivenciando a arte em vários espaços da sociedade.



Acervo da autora.

5. REFERÊNCIAS

CULTURASURDA.NET. Fernanda Machado Disponível em: <https://culturasurda.net/2011/12/12/fernanda-machado>. Acesso em: 28/07/2025.

CULTURASURDA.NET. Lucas Ramon Disponível em: <https://culturasurda.net/2016/03/28/tikinho-lucas-ramon/>. Acesso em: 28/07/2025.

CULTURASURDA.NET. Nancy Rourke Disponível em: <https://culturasurda.net/2011/12/10/nancy-rourke/>. Acesso em: 28/07/2025.

DEAFART. Pamela Witcher Disponível em: <https://deaf-art.org/profiles/pamela-witcher/>. Acesso em 28/07/2025.

EIJI, Hugo Acessibilidade Cultural e as Artes Surdas Disponível em: <https://culturasurda.net/acessibilidade-cultural-e-as-artes-surdas/> . Acessado em 20/09/2025

MACEDO, YM; SILVA, RA; ALVES, FFA. ARTE E EDUCAÇÃO NA CULTURA SURDA Revista Educação, Artes Inclusão Vol. 17 2021 <https://periodicos.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/16374/13153>. Acessado em 20/09/2025

NETO, D. N. S., JESUS, L. P. A. GOMES, R. Arte Surda: Interfaces entre Cultura Surda e Cultura Visual. Centro Virtual de Cultura Surda Revista Virtual de Cultura Surda. Edição Nº 21 / Maio de 2017 – ISSN 1982-6842. Disponível em: http://editora-arara-azul.com.br/site/revista_edicoes. Acesso em: 28/07/2025.

OMS, Surdez e Perda Auditiva 26 de fevereiro de 2025 <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/deafness-and-hearing-loss>. Acesso em 28/07/2025.

SASAKI, Nair R Caderno de Artista como obra Dissertação apresentada à Escola de Comunicação e Artes Visuais da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Poéticas Visuais – São Paulo 2023.

SURDOSQUEOUVEM, Rafael Caldeira dos Santos, o grafiteiro surdo. Disponível em: <https://cronicadasurdez.com/odrus-grafiteiro-surdo/>. Acesso em: 28/07/2025.

USP – Mais de 10 milhões de brasileiros apresentam algum grau de surdez Jornal da USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/mais-de-10-milhoes-de-brasileiros-apresentam-algum-grau-de-surdez/>. Acesso em 28/07/2025.

VALES, L.S. Pequeno dicionário regional de Libras para artes. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Pedagogia da Arte), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

6. APÊNDICE: MEMORIAL DESCRITIVO – Minha vida e o caminho de arte

Venho nesse memorial contar um resumo da minha vida. Eu tenho orgulho de ser quem sou, nasci diferente, fora dos padrões “ditos normais”, mas gosto muito do meu corpo e do que sou, fora do padrão de beleza esperado pela sociedade, a qual muitas vezes não sabe lidar e respeitar a diversidade social, situação que ocorre em diversos setores, onde o preconceito e a exclusão ainda permanecem.

Como mulher surda, fui incentivada a usar minha capacidade para aprender, estudar, morar, conhecer, caminhar, desenvolver a vivências com todos os seres humanos. Como qualquer ser humano, mesmo com dificuldade no sentido da audição, eu consigo conviver e adquirir diferentes aprendizados, buscar novos conhecimentos para promover o meu bem-estar e de outros que convivem comigo, também gosto muito de conhecer novas pessoas distintas para me relacionar.

Desde pequena usei aparelhos auditivos para escutar, aprendi a falar e sentir as vibrações do meio externo, hoje, por opção uso duas línguas para me comunicar, a LIBRAS e o Português e tenho orgulho da minha identidade surda.



Desde minha infância, sempre estive junto com grandes amigas de turma, que também me influenciaram para o mundo artístico distinto, como a literatura e o teatro que também aprecio muito. Nosso trio sempre esteve junto, estávamos, nos apoiando, como verdadeiras amigas. São muitas as lembranças no Instituto Nossa Senhora de Lourdes (INOSEL), nosso colégio e do Parque da Cidade, onde pela proximidade da escola sempre aproveitamos as atividades recreativas. Nós gostávamos muito das comemorações de aniversário, usar os chapeuzinhos de papel, dos lanches festivos. Estivemos juntas do Ensino Fundamental ao

Médio, cursados no INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). Ao término do Ensino Médio, na formatura, usamos o capelo e registramos esse momento juntas, em mais uma comemoração de nossas vidas.

Na apresentação da minha trajetória venho mostrar os caminhos da minha vida, onde procuro a cada dia buscar os conhecimentos no mundo das artes.

Quando era criança eu despertei para as artes através das cópias de personagens de desenho animado, também me vi estimulada pelo meu tio artista plástico e grafiteiro e pela minha avó materna, que era uma grande artista, que costurava muito: esses foram os meus primeiros incentivadores para as artes quando iniciei um ciclo novo no mundo das artes.

Ao longo do Ensino Fundamental gostava muito de desenhar com meus colegas de turma e participar dos projetos artísticos desenvolvidos ao ar livre e na sala de aula. As aulas de artes eram muito boas e gostava de participar das atividades de dança e do coral bilíngue, além de tantos outros eventos culturais do meu colégio, INOSEL, na Gávea, onde estudei o primeiro ciclo do Ensino Fundamental.

Em uma escola especializada em Niterói tive a oportunidade de desenvolver algumas habilidades artísticas, onde juntamente com o professor de artes pintei a minha primeira obra de arte com tintas acrílicas, essa obra participou de uma exposição no Museu do Ingá: foi minha primeira exposição, naquela época tinha 13 anos.

Ao longo do Ensino Médio tive algumas experiências da sala de arte no Instituto Nacional Educação de Surdos (INES), porém a troca constante dos professores, prejudicaram muitas vezes o desenvolvimento das atividades curriculares.

Como experiência no campo das artes também tive oportunidade de ingressar no Curso de Computação Gráfica de Design e Artes, chamado REDZERO em Niterói, fiquei por mais ou menos 4 meses, mas devido à falta de intérpretes, fui obrigada a sair do curso. Essa foi também uma experiência muito interessante.

A partir de atividades de arteterapia comecei ainda mais a tomar gosto pela arte, assim, comecei a ter aulas no Ateliê Matriz Violeta, em Niterói esse foi um marco decisivo para a escolha da minha profissão – lá aprendi a desenhar e pintar utilizando as várias técnicas e com diferentes materiais artísticos.

A minha identificação com as artes foi surgindo através dessas diversas experiências no Ateliê, nesse período fiz diversas produções e algumas delas participaram de exposições itinerantes em Niterói, Silva Jardim e em algumas cidades da Região dos Lagos.

Outra experiência na minha trajetória junto às artes nasce do meu interesse pelo grafite, por incentivo do meu tio, venho realizando conjuntamente com ele eventos de grafite. Tive a oportunidade de realizar dois grafites na minha cidade, um foi até uma homenagem ao artista Paulo Gustavo, cidadão niteroiense e que muito contribuiu para a arte com o seu talento em nos fazer rir. Também participei, em setembro de 2022, de um Projeto Cultural com meu

tio e um conjunto de artistas, para pintar um muro, no bairro de São Cristóvão, diante da Quinta da Boa Vista, em comemoração ao Bicentenário da Independência do Brasil.

Em 2018, ingressei no curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e, devido a pandemia, formei-me em abril de 2023. Eu era a única aluna deficiente auditiva na Escola de Belas Artes, estudava com outros amigos ouvintes. Todos me davam muita atenção, conversavam comigo, me ajudavam muito nas leituras e nos trabalhos de grupo.

O início da minha trajetória na Universidade foi muito difícil pois não tinha intérprete e precisava contar com a solidariedade e colaboração de grandes amigos que sabiam libras e muito me ajudaram no processo dentro do curso. Após um ano e meio de curso, no terceiro período, consegui intérprete de Libras e posso dizer que os anos de aprendizado na UFRJ foram muito importantes para compreender mais sobre as artes.

Durante o curso fomos pegos de surpresa pela pandemia da COVID-19. Esse acontecimento mudou muito a forma de estudo e foi um outro desafio que eu e todos tivemos em prosseguir com as aulas do curso, on-line, algumas disciplinas foram mais difíceis de entender e muitas aulas práticas ficaram prejudicadas.

Minha experiência de estágio no INES, foi enriquecedora, lá fui capaz de experienciar o exercício da docência e realizar muitas trocas com os meus professores tutores e os alunos do INES, algo que amei muito e que muito engrandeceu o meu aprendizado no campo docente.

Enquanto estagiária do INES participei da organização de uma exposição na instituição, intitulada Exposição Portinari e Meio Ambiente que ocorreu em setembro de 2022, fui da equipe de monitores ouvintes e surdos. Como monitora tive a oportunidade de dar explicações sobre as obras principais e as histórias do artista brasileiro Portinari para os visitantes, alunos da Educação Básica, professores entre outros.

Também como parte da programação eu e os outros monitores aproveitamos para fazer uma oficina de artes, na qual ensinávamos, aos participantes, atividades de desenho, pintura e escultura sobre as principais obras do Portinari.

Em novembro de 2022, participei do congresso Internacional do INES, no Centro de Convenções de Bolsa do Rio, nesse evento, eu apresentei um trabalho, desenvolvido por mim e a minha tutora Milena Quattrer, com o tema “Projetos Sonhos: criação de cabeças-máscaras na educação de surdos”. Foi minha primeira apresentação em público, eu estava muito nervosa antes, mas consegui me apresentar bem. Fiquei muito contente em ser palestrante pela primeira vez.

No dia da comemoração dos Surdos, fui convidada para ser palestrante do Congressinho do INES em 2023, nessa palestra abordei a minha trajetória acadêmica e profissional para o público de alunos e professores. Considero que falar sobre a minha história

para os surdos foi uma forma de incentivo para este coletivo e também tive a oportunidade de divulgar as artes, estimulando-os nesta área.

Ainda em outubro de 2023, fui convidada pelos professores da Faculdade de Educação e da EBA/UFRJ, para participar do Seminário da UFRJ intitulado Desafios para Educação Inclusiva na Formação da Docência em Artes Visuais e Expressão Gráfica, onde expus na minha apresentação, a experiência artística de uma aluna surda no curso de artes. Fiquei emocionada e feliz com essa oportunidade que possibilitou expor para a academia, os desafios e as possibilidades de um estudante surdo em uma Universidade pública – foi muito bom estar de volta no meu espaço de formação, meu segundo lar.

Já formada, tive a oportunidade de ser a primeira convidada entrevistada pela Conexão UFRJ para contar sobre a minha experiência acadêmica na UFRJ, sobre os meus estudos e os desafios enfrentados em algumas disciplinas, devido à falta de intérpretes de Libras. Relatei que meus colegas de turma e também os veteranos me auxiliaram no início do curso. Na entrevista tive como acompanhante a intérprete de Libras, o material foi gravado e publicado on-line juntamente com as entrevistas de outras duas pessoas com deficiências e foi publicado por ocasião da comemoração do Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência. A reportagem saiu no Canal conexão da UFRJ, a entrevista relatou fala sobre conquistas e desafios para promover inclusão na UFRJ, sob o título de “Tudo conosco, nada sem nós” publicado no site da Conexão UFRJ e também no Instagram neste dia 21 de setembro de 2023.

Ainda em 2023 tive a oportunidade de ser convidada para apresentar o tema da Arte Surda do Brasil e no mundo na Escola Municipal do Paulo Freire, em Niterói, nesse dia em parceria com uma amiga artista visual surda, pudemos falar para os estudantes surdos um pouco da arte ao longo dos tempos.

Em março de 2024 fui convidada, por uma professora surda do Departamento de Libras da Universidade Federal Fluminense (UFF) para participar como voluntária do Projeto de Extensão sobre Meio Ambiente, juntamente com o Grupo inclusivo do curso de Biologia da UFF. Nesse projeto, eu produzi mais de 80 desenhos, utilizando a técnica de aquarela. Esses desenhos serviram de ilustração, para um e-book, para ser usado como material didático, acessível, Bilingue em Libras e Língua Portuguesa, que auxiliarão no ensino da temática sobre meio ambiente junto a disciplina de Ciências.

Também, na mesma instituição, tive a oportunidade de participar da elaboração de um glossário de nutrição em Libras, com mais outros alunos surdos – esse material também foi transformado em e-book e auxiliará no curso de Nutrição.

Em agosto de 2024 comecei a cursar a minha primeira pós-graduação e venho tendo muitas oportunidades de aprendizado através das atividades nas aulas presenciais e à

distância, assim como através dos circuitos em museus, praças onde podemos refletir sobre as diferentes manifestações artísticas vivenciando a arte em vários espaços da sociedade.

Embora ainda não estivesse trabalhando, fato que às vezes dificultou a troca com participantes do grupo que já experienciam a profissão há algum tempo, considero que essa Pós-graduação vem me ajudar a me instrumentalizar mais no campo das artes, possibilitando ampliar o meu conhecimento para estar colocando em prática junto à sociedade e na sala de aula com os alunos.

Em setembro de 2024, no mês que comemoramos o dia do surdo participei, juntamente com outros membros da comunidade surda de Niterói de um Encontro da Comunidade Surda da localidade, onde expus algumas pinturas. O evento ocorreu no Campo de São Bento. Apresentei pinturas, utilizando tinta óleo e linha têxtil, essas pinturas traziam pontos turísticos da Cidade Maravilhosa, reproduzida através da língua de sinais. Nesses eventos, que reúnem diferentes artistas surdos, é possível mostrar a criatividade dos artistas do coletivo surdo, que criam e vendem as suas experiências artísticas e apresentam o universo da arte e cultura surda. Lutamos, através dessa e de outras iniciativas para conseguir a inclusão e mostrar criatividade da arte surda na sociedade.

Atualmente estou iniciando minha carreira na docência no Colégio Pedro II, campus São Cristóvão. Estou muito contente com essa nova etapa na minha carreira. Fui bem recepcionada pelos estudantes e o corpo docente, de intérpretes e administrativos que me receberam com carinho e curiosidade, e foi comovente ver o quanto estavam animados por ter uma professora surda de Artes em sala de aula. Os estudantes ouvintes me fizeram muitas perguntas interessantes e importantes, demonstrando o desejo de conhecer mais sobre a comunidade surda.